

Panorama de gênero nos cursos de engenharia de produção no período de 2010-2019

Marcella F. Soares¹, Rafael Barbaestafano², Diego Carvalho³, Dayse Pastore⁴
Cefet/RJ, Rio de Janeiro, RJ

De maneira histórica, as engenharias se manifestaram como um campo expressivamente masculino. Nesse sentido, diversos estudos [2, 4, 5] inferem que o ingresso no ensino superior ocorre por meio de tendências sociais sexistas, que separa homens e mulheres em cursos considerados mais “adequados” para cada gênero. Para [4] é possível observar um costume de concentração das mulheres em áreas relacionadas ao cuidado, como as de educação e as da saúde. Enquanto os homens destinam-se mais às áreas de ciências e tecnologia.

Em contrapartida, de modo a apresentar uma perspectiva mais otimista, [3] indica que o recente aumento da oferta de especialidades das engenharias auxiliou a inserção de mulheres em novos cenários de atuação acadêmicas e profissionais. Entretanto, embora existam engenharias com maior preferência do público feminino, como a Química, ainda assim a predominância masculina é notória, expressiva e sobressalente [1].

Ao assumir, assim, que essas tendências são construídas socialmente e não são relacionadas, de fato, à falta de capacidade feminina, destaca-se a importância do enfrentamento da problemática de desigualdade de gênero. Pois, caso ela persista, continuará a haver desperdício de potencialidades, de forma a prejudicar e diminuir a produção de ciência de qualidade. Nessa perspectiva, a fim de contribuir para o debate nas instituições de ensino sobre a representatividade feminina no corpo discente, o presente trabalho compreende panorama de gênero nos cursos de engenharia de produção do Brasil, no período de 2000 a 2019.

Para isso, utilizaram-se os dados do Censo da Educação Superior, elaborado pelo Inep. Com abrangência nacional e levantamento anual, o Censo permite investigar dados a respeito do curso de Engenharia de Produção, como o número de vagas ofertadas, de ingressantes, concluinte, entre outros. Em seguida, delimitou-se, para fins da presente pesquisa, o intervalo de 2010 a 2019, uma vez que devido ao advento da pandemia do Covid-19, os dados dos anos subsequentes foram comprometidos. Os dados foram trabalhados em Python e Microsoft Excel e, assim, plotaram-se gráficos através do programa Veusz.

No que tange a parte qualitativa do estudo, procedeu-se uma pesquisa atualizada da produção científica nas bases de dados dos indexadores SciELO, Web Of Sciece e a Biblioteca Nacional de Teses e Dissertações. Assim, realizaram-se análises concisas, de maneira exploratória, descritiva e explicativa com foco em fontes primárias.

Quanto aos resultados, obteve-se que o número de matrículas aumentou de forma significativa durante o período analisado, como é possível observar pela Figura 1. Do ano 2010 ao ano de 2015, houve uma crescente contínua e em seguida houve um declínio. Cabe ressaltar que condiserou-se por “Matrícula” a soma das Matrículas Ativas com os Formados de cada ano, de maneira a seguir os critérios estabelecidos pelo Inep. Por outro lado, é possível observar a tendência apresentada nas

¹marcella.soares@aluno.cefet-rj.br

²rafael.barbastefano@cefet-rj.br

³diego.carvalho@cefet-rj.br

⁴dayse.pastore@cefet-rj.br

literaturas de que as mulheres são minoria insistente no curso de engenharia de produção. Mesmo embora o número de ingresso feminino tenha aumentado durante o período em análise, ainda é possível aferir que ainda há uma distância significativa no que tange a busca por igualdade de gênero no curso.

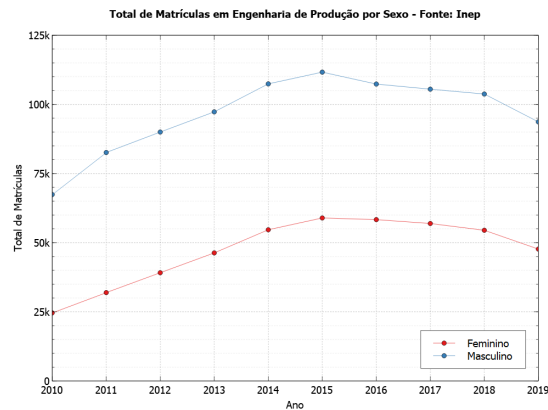


Figura 1: Total de matrículas. Fonte: Inep.

Acerca dos resultados obtidos, destaca-se que estes estão diretamente relacionados a variáveis econômicas, sociais, culturais ou individuais, externas e internas às instituições estudadas. Por isso, merecem interpretação e análise contextualizada. Ressalta-se, também, que os resultados justificam a necessidade de políticas públicas que atenuem tais empasses e, assim, melhore a qualidade da produção científica e desperdício de recursos no país.

Referências

- [1] Mônica Mansur Bahia e João Bosco Laudares. “A engenharia e a inserção feminina”. Em: **Seminário Internacional Fazendo Gênero - Desafios Atuais dos Feminismos**. Ed. por Anais Eletrônicos. Vol. 10. Florianópolis, 2013. URL: http://www.abepro.org.br/biblioteca/TN_STO_267_531_36165.pdf.
- [2] Moema de Castro Guedes. “A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a idéia da universidade como espaço masculino”. Em: **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** 15.suppl (2008), pp. 117–132. DOI: 10.1590/s0104-59702008000500006. URL: <https://doi.org/10.1590/s0104-59702008000500006>.
- [3] Maria Rosa Lombardi. “Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional”. Em: **Cadernos de Pesquisa** 36.127 (abr. de 2006), pp. 173–202. DOI: 10.1590/s0100-15742006000100008. URL: <https://doi.org/10.1590/s0100-15742006000100008>.
- [4] Elisabete Regina Baptista de Oliveira, Sandra Unbehaum e Thais Gava. “Stem Education and Gender: a contribution to discussions in Brazil”. Em: **Cadernos de Pesquisa** 49.171 (mar. de 2019), pp. 130–159. DOI: 10.1590/198053145644. URL: <https://doi.org/10.1590/198053145644>.
- [5] Maria Fernanda Pessoa, Daniela Verzola Vaz e Diego Camargo Botassio. “Viés de gênero na escolha profissional no Brasil”. Em: **Cadernos de Pesquisa** 51 (2021). DOI: 10.1590/198053148400. URL: <https://doi.org/10.1590/198053148400>.